

REPRESENTAÇÕES GEOGRÁFICAS DO HINTERLAND SERGIPANO EM “PRAEFECTURA DE CIRIÏ VEL SEREGIPE DEL REY CUM ITÂPUAMA”, GEORG MARCGRAF, 1647

DOI 10.4025/revpercurso.v9i1.35679

Bruno Andrade Ribeiro

Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS e membro do Grupo de Pesquisa "Estado, Capital, Trabalho e as Políticas de Reordenamentos Territoriais" (NPGEO/UFS/CNPq). Bolsista de Iniciação Científica. E-mail: ribeiro.pensador@gmail.com.

RESUMO: O presente escrito constitui-se em uma análise acerca de um mapa holandês intitulado “Praefectura de Ciriï vel Seregipe del Rey cum Itâpuama”, editado em 1647 por Georg Marcgraf, cartógrafo da Companhia das Índias Ocidentais. Um registro que pode ser visualizado em locais de pesquisa nacionais e internacionais durante o levantamento de fontes proposto no âmbito do Projeto de Pesquisa “Das minas de prata a outros interesses: pensamento geográfico e geografia histórica de Itabaiana – fontes e temas relativos à formação de seu território”; e, cuja leitura e descrição dos elementos gráficos possibilitou a identificação de temas presentes no processo de colonização do território brasileiro. A priori, aspectos fisiográficos, como formações geomorfológicas e cursos fluviais; bem como, rastros de uma inicial ocupação humana, que fornecem hipóteses e interpretações sobre a formação do hinterland sergipano. O mapa sendo considerado enquanto discurso, e desse modo, capaz de desvelar relações sociais, interesses, contradições, conflitos e dinâmicas espaciais.

Palavras-chave: Cartografia Histórica; Ocupação holandesa; Formação territorial.

GEOGRAPHICAL REPRESENTATIONS OF THE HINTERLAND SERGIPANO IN “PRAEFECTURA DE CIRIÏ VEL SEREGIPE DEL REY CUM ITÂPUAMA”, GEORG MARCGRAF, 1647

ABSTRACT: The present written, constitute in an analysis about of a Dutch map entitled “Praefectura de Ciriï vel Seregipe Del Rey cum Itâpuama”, edited in 1647 for Georg Marcgraf. A registry that have to be visualized in local of research nationals and internationals during the survey of sources propose in the scope of a Project of Scientific “Of mines of silver to others interests: geographic thought and historical geography of Itabaiana – sources and themes relatives at formation of your territory”. In addition, whose reading and description of the graphics elements enabled the identification of subjects presents in the process of colonization of the Brazilian territory. A priori, physiographic aspects, like geomorphological formations and river courses, as well as, trails of an initial human occupation that provide to hypothesis and interpretation about the formation of the hinterland sergipano. The map being considered while speech, and, therefore, able of reveal social relations, interests, contradictions, conflicts and spaces dynamics.

Key-words: Historical Cartography; Dutch occupation; territorial formation.

1. INTRODUÇÃO

O presente escrito corresponde a um resultado de um processo de levantamento de registros cartográficos sobre o território sergipano nos períodos colonial e imperial. Mapas que são ‘livros de história’ espacializados e que fornecem elementos gráficos que demonstram interesses e estratégias de colonizadores europeus (PEREIRA, 2016), sobretudo portugueses e holandeses. E, em relação a estes últimos, existe uma extensa produção cartográfica sobre o Nordeste brasileiro, datada do século XVII, e que se associa de forma direta à ocupação holandesa nesta porção da então Colônia lusitana, entre os anos de 1630 e 1654 (MELLO, 2010). Um território cujas relações de poder estiveram delineadas a partir das disputas entre Espanha e Holanda, no contexto político-administrativo de União Ibérica. Neste recorte de tempo, os holandeses contribuíram na elaboração de uma ampla e vasta documentação sobre os trópicos, incluindo fontes dos mais distintos gêneros, que incluem coleções de manuscritos, códices, relatórios, fontes iconográficas, atas, cartas e a rica cartografia produzida pela Corte de Maurício de Nassau, encontrados em acervos brasileiros e europeus, servindo enquanto objetos de estudo e pesquisa sobre o Brasil Holandês, como informa Mello (2010). De acordo com este autor, “a Holanda não possuía apenas os meios financeiros e militares com que realizar seu programa colonial. Ela possuía também, desde o século XVI, uma rica tradição cartográfica” (MELLO, 2010, p. 3).

Um empreendimento da chamada Companhia das Índias Ocidentais (WIC), representativo na transferência de outros aspectos culturais para o Brasil, incluindo parâmetros educacionais baseados na teologia da Igreja Cristã Reformada, técnicas de manejo do solo no cultivo da cana-de-açúcar e estratégias de controle e domínio territoriais (MELLO, 2010). A hegemonia holandesa abarcava a economia, a política, a religião e a cultura, sendo um projeto colonial que enfrentou resistências dos povos autóctones e africanos. As marcas desse processo puderam ser visualizadas na arquitetura, através dos sobrados estreitos, nos hábitos cotidianos e nas relações econômicas entre a Metrópole holandesa e a Colônia brasileira (MELLO, 2010). Contudo, na produção do espaço nordestino, no âmbito do domínio holandês, os interesses mais visíveis decorriam dos lucros obtidos pela exportação de açúcar e a possibilidade de se encontrar reservas de metais preciosos, frente à crença na contiguidade territorial do Peru, onde já se sabia existir

prata (DEUVALX, 2009; 2014). Desse modo, a cartografia se constituiu em um importante instrumento de reconhecimento do território a ser colonizado, descrevendo de forma detalhada prováveis locais a serem tomados e utilizados em prol do enriquecimento colonial.

Nesse contexto, encontra-se o mapa intitulado “Praefectura de Cirîi vel Seregipe del Rey cum Itâpuama”, objeto de análise do presente artigo, e que pode ser analisado a partir de um longo processo de levantamento e inventário de cartas históricas sergipanas, presentes em acervos nacionais e internacionais, no âmbito do Projeto de Pesquisa “Das minas de prata a outros interesses: pensamento geográfico e geografia histórica de Itabaiana - fontes e temas relativos à formação de seu território”; coordenado pela Professora Dra. Fabrícia de Oliveira Santos, do Departamento de Geografia (DGEI/UFS) do Campus Universitário “Professor Alberto Carvalho”, Universidade Federal de Sergipe, e que se encontrava organizado em Planos de Trabalho, vigentes entre os meses de agosto de 2014 a julho de 2015 e agosto de 2015 a julho de 2016, respectivamente¹. A importância desse registro deve-se, entre os argumentos fundamentados, a sua recorrência nas bases digitais e locais visitados; bem como, à inédita e peculiar representação sobre o ‘interior’ do território sergipano, denominado de ‘Itapvâma’ – termo que se referia à Itabaiana, atual município do Agreste Central Sergipano, microrregião do estado de Sergipe.

O mapa analisado tem autoria atribuída ao holandês Georg Marcgraf, e compõe um conjunto de outras três cartas², provavelmente elaboradas entre os anos de 1638 e 1643; a edição dos registros data de 1647 e foi realizada por Joan Blaeu, que as repassou a Gaspar Barléu para que compusessem um livro. Os elementos gráficos representados incluem cursos fluviais, serras, fontes d’água, portos, povoações, capelas, currais de gado, engenhos de açúcar, caminhos e veredas. Optou-se em analisar a porção do mapa correspondente ao interior sergipano - devido as contribuições que este recorte oferece acerca dos chamados ‘sertões’ – hinterland –; mais especificamente, a produção desse espaço, incluso em uma lógica de conquista e apropriação constante de terras (MORAES, 2011).

Em sua dissertação de mestrado, Marcelo Motta Delvaux (DELVAUX, 2009), ao discorrer sobre o ‘maravilhoso geográfico’ contido em representações cartográficas dos séculos XVII, XVIII e XIX, argumenta que o conceito de sertão se constituiu enquanto um discurso sobre o interior desconhecido do Brasil, fomentando lendas acerca da existência

¹ O autor do presente artigo foi contemplado com uma bolsa COPES (Coordenação de Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe), no primeiro ano de pesquisa e uma bolsa PICVOL no segundo ano.

² “Praefecturae de Paraiba et Rio Grande”, “Praefecturae Paranambucæ pars Borealis, una cum Praefectura de Itamaracã” e “Praefecturae Paranambucæ pars Meridionalis”.

de lugares míticos, como serras e lagoas repletas de tesouros. O autor relaciona a difusão de tais locais encantados com o imaginário medieval europeu e as tradições pagãs da Antiguidade, mas também, considera a importância que os colonizadores sertanistas tiveram na disseminação dessas lendas, visando honras e mercês da empresa colonial. E, uma dessas ‘fontes de mitos’ retratada pela cartografia histórica foi a Serra de Itabaiana, no interior da Capitania de Sergipe, motivando a organização de expedições portuguesas e holandesas em prol da busca de minas de prata (NUNES, 2006). No mapa de Marcgraf, por exemplo, apontam-se os possíveis locais onde se poderia encontrar o metal; contudo, nada pode ser encontrado, segundo consta as cartas e notícias veiculadas pelas autoridades políticas da época. Apesar disso, não se deve negar a importância que as lendas tiveram para a efetiva colonização do hinterland sergipano, tendo a cartografia como instrumento de legitimação desse processo, pois: “(...) cada sinal, risco, topônimo e anotação que se materializa no papel cria uma realidade, ressignifica o espaço, reordena lugares, reproduz e retroalimenta um movimento” (OLIVEIRA, 2014, p. 152).

Portanto, o mapa “Praefectura de Ciriî vel Seregipe del Rey cum Itâpuama” deve ser considerado enquanto uma textualidade que constrói discursos sobre um território que foi idealizado, mas que, cuja formação procedeu-se a partir de relações materiais de poder; através de interesses que iam além da expropriação dos supostos recursos auríferos (MORAES, 2005).

2. O MAPA – CONTEXTO

O Projeto de Pesquisa “Das minas de prata a outros interesses: pensamento geográfico e geografia histórica de Itabaiana – fontes e temas relativos à formação de seu território”, ao objetivar o mapeamento de marcas e discursos espaciais inerentes à constituição territorial de Itabaiana, localizada na mesorregião do Agreste Central Sergipano, levantou e inventariou uma série de fontes documentais em acervos presenciais e bases de dados de instituições nacionais e internacionais³. Registros sobre um passado que já foi presente, e que incluem obras da historiografia sergipana, revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) e do Instituto Histórico e Geográfico

³Os locais de pesquisa incluíram bibliotecas e acervos estaduais, como a Biblioteca da Universidade Federal de Sergipe, Campus de Itabaiana, a Biblioteca Municipal de Itabaiana, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o Arquivo Público do Estado de Sergipe e o Arquivo do Tribunal Judiciário de Sergipe; bem como, as bases de dados da Biblioteca Nacional, da *Library of Congress*, da *Bibliothèque Nationale de France* e do Arquivo Nacional.

Brasileiro (IHGB), a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, organizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), guias e catálogos de fontes cartorárias sobre as distintas comarcas sergipanas (SERGIPE, 1996; 2000), fontes primárias consultadas através de visitas técnicas ao Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES) e ao Arquivo do Tribunal Judiciário de Sergipe (TJ-SE) e as Cartas, Plantas e Mapas⁴ contendo elementos gráficos sobre a Capitania de Sergipe Del Rey, e posterior Província de Sergipe.

Desse modo, emerge a possibilidade de uma verticalização da pesquisa, através da análise desses registros cartográficos; a fonte cartográfica sendo considerada enquanto instrumento de atribuição de valor ao espaço, demarcando-o, constituindo territórios e 'ideologias geográficas' (MORAES, 1991), e que, em relação ao estudo em questão, incluem fontes produzidas por gravuristas, militares e viscondes vinculados aos assuntos político-administrativos das Metrôpoles portuguesa e holandesa, em um recorte temporal que abrange desde o século XVII ao XIX. A priori, os mapas foram sistematizados através de uma proposta de catálogo de fontes sobre a formação territorial de Itabaiana, servindo de referencial para a socialização dos dados, como, por exemplo, na apresentação de trabalho intitulada "Discursos geográficos e formas espaciais sobre a formação territorial de Itapvâma em registros cartográficos coloniais e imperiais" (RIBEIRO, 2016), durante o IV Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico e o II Encontro Nacional de Geografia Histórica, realizado entre os dias 05 e 09 de dezembro de 2016, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Um trabalho sobre os nove mapas inventariados (ver quadro 1), que objetivou a identificação de discursos geográficos e formas espaciais em uma longa duração compreendida por três séculos (BRAUDEL, 1996). Desse modo, a partir dessa primeira tentativa de socialização, constitui-se a tentativa de análise de cada mapa em específico, pois ao se fazerem em "discurso que discursa outros discursos" (CONCEIÇÃO, 2012, p. 25), trazem consigo o signo e a marca do autor, de seus interesses e do contexto de elaboração. Nas palavras de Conceição (2012, p. 20): "O que e o porquê na dimensão da contextualização dos seus pensadores".

⁴Tais variações de nomes foram identificadas nos registros cartográficos pesquisados, acompanhadas de adjetivos, como 'topográfico' e 'corográfico', que visam distinguir o conteúdo apresentado em cada fonte.

Quadro 1 – Fontes cartográficas levantadas e inventariadas entre agosto de 2014 e julho de 2015

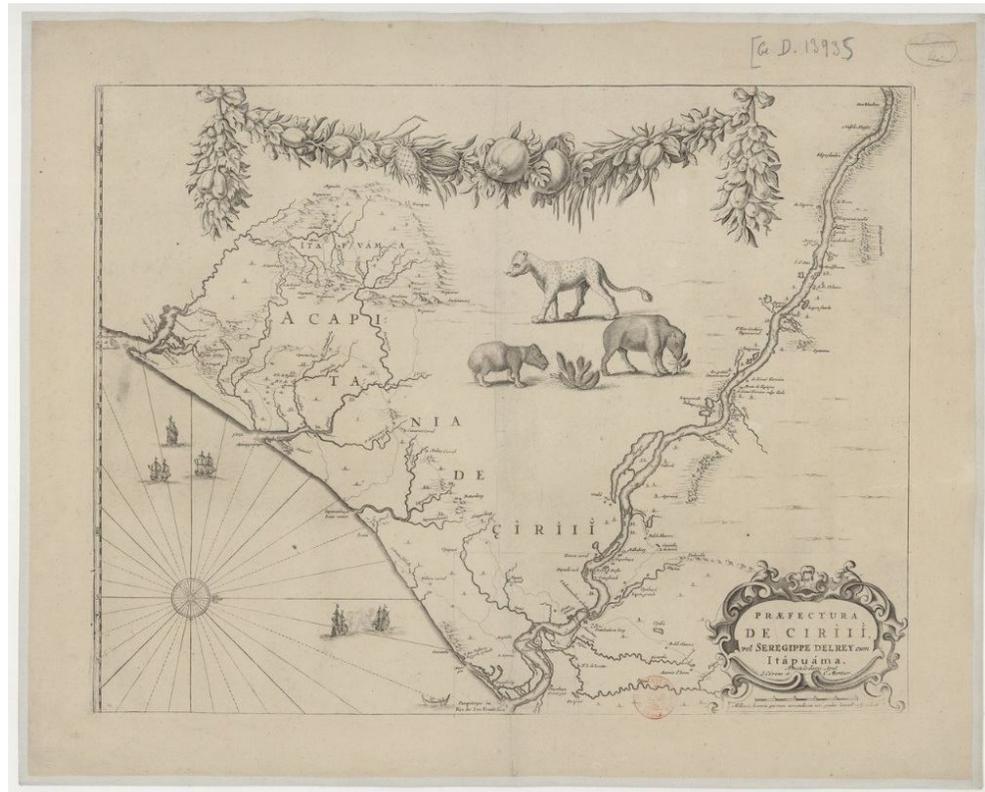
Registro cartográfico	Local	Data de edição	Autoria	Recorte espacial	Dados sobre Itabaiana
Praefectura de Ciriji vel Seregipe del Rey cum Itapuama	Atlas Of Mutual Heritege; Library Of Congress	1662	Georg Marcgraf	Sergipe	Localidade de Itapuama, povoações de Santo Antônio e Simão Dias, inúmeros nomes de rios, montes e serras, representações de caminhos
Provincie della Baia e di Sergippe	Bibliothèque Nationale de France	1698	Andrea Antonio Horatti	Sergipe	Localidade de Tapeiana e povoação Santo Antônio
Mappa tipografico dos portos, e costa da Bahia de todos os Santos, Olinda e Pernambuco	Biblioteca Luso-Brasileira	1776	Nicolao Martinho	Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco	Monte Cajaíba e Monte Caiabana
Planta geografica do que se tem melhor averiguado nas comarcas da Bahia, Sergipe do El Rey, parte das de Ilheos, e Jacobina	Biblioteca Nacional	1801	Luís dos Santos Vilhena	Bahia e Sergipe	Rio Salobre, Rio das Pedras, Rio Jacarecica, montes Itaberaba e Poteapuá, povoações de Santo Antônio e Simão Dias e Vila de Itabaiana
Carta topografica de provincia de Sergipe	Biblioteca Nacional	1831	-	Sergipe	Vila de Itabaiana, estradas, povoações de Zanguê, Saco-Torto, Jacarecica, Quilombo, Serra de Itabaiana, Serra do Capunga e o Arraial do Campo do Brito
Carta corographica para a divisão das comarcas, termos e municipios da provincia de Sergipe Del Rey	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro	1844	João Bloem	Sergipe	Vila de Itabaiana, Serra do Macaco, Serra de Itabaiana, Serra da Cajaíba, Arraial do Campo do Brito, povoações de Santo Antônio, Garangau, S. Anna, Lomba e Francisco de Góis
Carta topographica e administrativa das provincias do Pernambuco Alagoas e Sergipe	Biblioteca Nacional	1848	Villiers de L'Ile-Adam	Pernambuco, Alagoas e Sergipe	Itabaiana, Campo do Brito, estradas, Serra do Machado, Serra da Cajaíba e o Rio Jacarecica

Carta geographica e topographica da Provincia da Bahia	Biblioteca Nacional	1855	Antônio Pedro Lecor	Bahia e Sergipe	Serra de Itabaianinha, Vila de Itabaiana, Rio das Pedras e Rio da Taboca
Mappa geral dos estudos da estrada de ferro da provincia de Sergipe	Biblioteca Nacional	1883	-	Sergipe	Matas de Itabaiana, fazendas de algodão, Rio Jacoquinha, Rio Jacoca, localidades de Pedra Mole, Junco, São Paulo, Lagoa Seca, Macambira, Sobrado e Campo de Brito, Serra do Pico, Serra das Miabas, Serra da Cruz, Serra do Cajueiro, Serra de Itabaiana e Serra Comprida

Fonte: autoria própria, 2016

O mapa “Praefectura de Cirii vel Seregipe del Rey cum Itâpuama” (MARCGRAF, 1647) (ver figura 1) configura-se no registro cartográfico intacto mais antigo que retrata o território da Capitania de Sergipe del Rey; constituindo-se em um trecho de uma carta maior: “Brasilia Qua Parte Paret Belgis”, que reúne uma série de cinco mapas sobre as capitanias da porção nordeste da colônia do Brasil; a citar, Sergipe, Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande; bem como, gravuras de moedas, tribos autóctones, casas de farinha, fauna e flora nativas, elaboradas por Frans Post. Além disso, o mapa traz no “Notularum Explicatio” o significado do que cada elemento gráfico representa, como vilas, povoações, igrejas, engenhos, casas e campinas. O registro foi publicado pela primeira vez em Amsterdam, por Joan Blaeu, cartógrafo neerlandês, no ano de 1647, tendo como autoria George Marcgraf (1610-1644), alemão, cartógrafo oficial da Companhia das Índias Ocidentais e que integrou a expedição científica e militar de Maurício de Nassau.

Figura 1 -Praefectura de Cirii vel Seregipe del Rey cum Itâpuama, Georg Marcgraf, 1647



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fonte: Bibliothèque Nationale de France, 2017

3. O QUE OS HOLANDESES DESENHARAM – SERRAS, RIOS, MINAS, CURRAIS E POVOAÇÕES

A princípio, optou-se por sistematizar a análise do registro cartográfico a partir da classificação entre: a) elementos fisiográficos, ou seja, os rios, serras e demais aspectos físicos presentes na paisagem da Itapvâma; e b) rastros da colonização, pois a ocupação lusitana já se encontrava em curso, e, desse modo, formas espaciais sobressaíam no vasto território⁵. Abaixo (ver quadro 2), encontra-se um quadro descritivo sobre os elementos gráficos e as denominações presentes no mapa analisado:

⁵ Os limites territoriais ainda não estavam definidos no século XVII, com a demarcação do termo ocorrendo somente após 1698, com a elevação do arraial à categoria de Vila de Santo Antônio e Almas de Itabaiana.

Quadro 2 – Elementos gráficos e denominações presentes em “Praefectura de Cirii vel Seregipe del Rey cum Itapuama”

Elemento gráfico	Denominação
Serras e montes	Boqueirão, Iacôcamiri, Tapuruçû, Moiubama, Itapuamoiaba, Boqueiraon, Boqueirao, Noqueiraon, Itapuama miri, Itapuamucu, A de Noqueiraon, A. Caujibucu, Itaberaba, A Mina, Mina, Boqueirao, Megueba, Poteapua.
Cursos fluviais	Iacareaçica, R d Etor, R. Salobre, R. de Pinheiro, R. de Iataboca, R. das Pedras, Ipoxiçauçu.
Povoações	S. Antonio, Simao Dias
Vias de comunicação	Caminhos
Florestas	Campinas

Fonte: autoria própria, 2017

Ao se basear pela legenda apresentada no mapa mural, o território da Itapuama/Itapvâma possuía uma ‘igreja’, sete ‘currais’, um ‘eng^odagoa sem igreja’, uma ‘fonte, olhe dagoa’, três ‘cazas’, além de ‘caminhos’ e ‘campinas’. Outros elementos gráficos presentes são as serras e os cursos fluviais nomeados por Marcgraf, possivelmente, através de relatos e pesquisas documentais.

3.1. ELEMENTOS FISIAGRÁFICOS

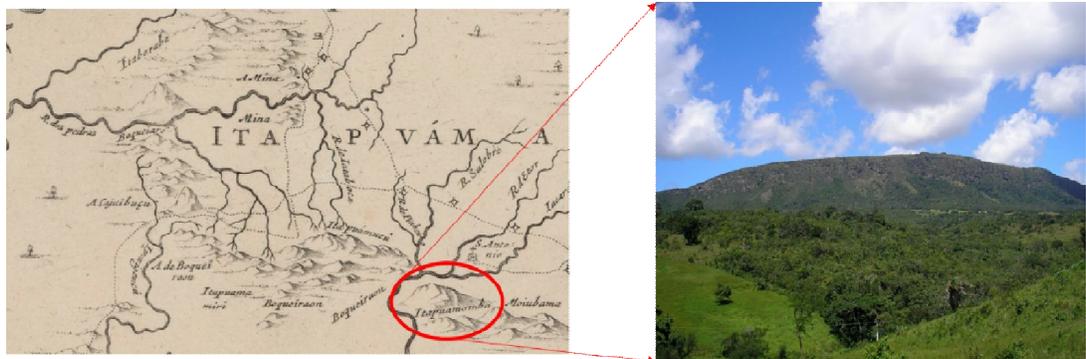
Em texto intitulado “Geografia de Sergipe no domínio holandês”, Luiz da Câmara Cascudo (CASCUDO, 1942) tece algumas considerações sobre o registro de Marcgraf, em um dos poucos trabalhos que ressaltam a relação da Cartografia Histórica com o empreendimento holandês em terras brasileiras, e, mais especificamente, nordestinas e sergipanas. A princípio, lança-se uma pergunta: “Qual seria o conhecimento geográfico do holandês na Prefeitura de Ciriii vel Seregippe del-Rey cum Itapuâma?”, para então descrever detalhadamente os elementos presentes no mapa, a exemplo dos rios, das serras e dos caminhos, currais, engenhos e habitações identificados na Capitania. Uma proposta semelhante a que objetiva o presente artigo; contudo, Cascudo (1942) chega à conclusão de que os holandeses possuíam escassos conhecimentos geográficos sobre Sergipe, fazendo com que os interesses fossem esporádicos, e, desse modo, deixando de lado as contribuições que a produção cartográfica tinha na formação territorial do hinterland sergipano – objetivo ao qual se propõe este artigo.

À primeira vista, o leitor que observa o mapa “Praefectura de Cirii vel Seregipe del Rey cum Itapuama” pode ressaltar/descrever a existência de um círculo de serras e/ou montes – formações geomorfológicas – que delimita uma localidade denominada pelo

cartógrafo holandês de ‘Itapvâma’; o que o instiga a levantar algumas hipóteses: 1) seria esse local outra Capitania ou Comarca? 2) por que mapear um território aparentemente isolado? 3) qual a importância do mesmo para o empreendimento colonizador holandês? Um olhar prévio que culmina na formulação de interpretações acerca da formação territorial do atual Agreste Central Sergipano.

As indagações [e a própria análise do mapa] encontram fundamentação através da leitura das demais fontes escritas sobre Sergipe, no século XVII, a citar, obras da historiografia sergipana e artigos da Revista do IHGSE⁶. De acordo com Cascudo (1942), as serras itabaianenses estavam: “postas num cone imenso cuja base se volta para o sul [...]” (CASCUDO, 1942, p. 4). Formas do relevo que recebem denominações autóctones, testemunhando a possível existência de etnias indígenas na região; tema analisado em Carvalho (2009), ao mapear a presença de tribos Aratu no território que corresponde nos dias atuais aos municípios de Frei Paulo, Areia Branca e Riachuelo, entre os séculos IX e XVIII (CARVALHO, 2009). Em um primeiro momento, nomes que parecem incompreensíveis, mas que após um exame mais atento, chega-se à conclusão de que persistem enquanto denominações de serras do Domo de Itabaiana (ver figura 2) e localidades do Agreste Central Sergipano, a exemplo de ‘Itapuamoinha’ (Serra de Itabaiana), ‘Caujibucu’ (Serra da Cajaíba), ‘Boqueirao’ (Povoado Boqueirão), ‘Megueba’ (Serra da Miaba).

Figura 2 – Possível localização da Serra de Itabaiana no registro de Marcgraf (1647)



Fonte: Bibliothèque Nationale de France , 2017

Dentre as denominações das serras e montes, o cartógrafo aponta para duas formações intituladas ‘A Mina’ e ‘Mina’ (ver figura 3); para algumas obras historiográficas (FREIRE, 2013; NUNES, 2006; WYNNE, 1970) tais nomes revelariam a localização das

⁶ Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

famosas minas de prata de Belchior Dias Moréia. De acordo com Delvaux (2009), data de 1611 as tentativas de Belchior em ofertar ao Rei, os tesouros, em troca de ‘honras e mercês’, mas sem as esperadas concessões. Contudo, no Governo-Geral de Dom Luís de Souza, intermediou-se o acordo entre o sertanista e a Coroa, organizando em 1619 a expedição de procura às minas no local apontado por Belchior: a Manhama, atual Serra de Itabaiana. Os preparativos duraram pouco mais de dois anos, ficando a cargo de Cristóvão da Rocha arregimentar indígenas para contribuir na procura por ouro e prata. Todavia, dos resultados da expedição, constatou-se a não existência de qualquer vestígio de metal de grande valor, terminando com a prisão do ‘Moribeca’ (DEUVALX, 2009).

Figura 3 – Possível localização das minas de prata no registro de Marcgraf (1647)

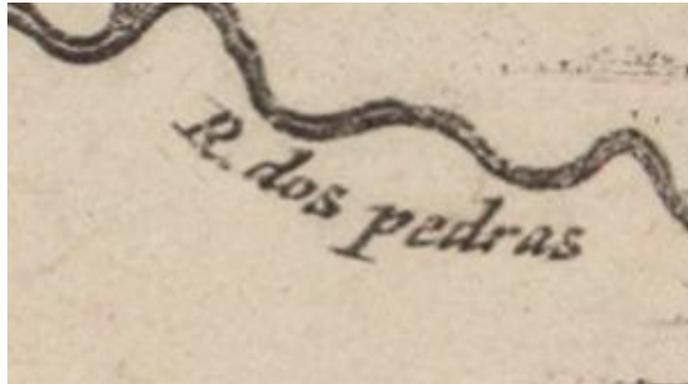


Fonte: Bibliothèque Nationale de France, 2017

A suposta existência de jazidas de prata nas Capitanias do Norte do Brasil também despertou a atenção dos holandeses; pois em 1639, Benito Henriques, um judeu holandês, alegou ter conhecimento sobre a localização de minas; todavia, as concessões apresentadas pela Companhia das Índias Ocidentais foram consideradas insuficientes, fazendo com que o aventureiro partisse por conta própria para o local. Posteriormente, as amostras coletadas foram consideradas pelas autoridades holandesas como sem nenhum valor. Em outro momento, a fama sobre a existência de tesouros na Serra de Itapuama serviu de ‘moeda de troca’ em 1649, pelo português João de Albuquerque para conseguir a liberdade frente às tropas holandesas. Este, preso no Rio Grande do Norte, redigiu uma Memória sobre o monte Itabayana, que por sua vez, instigou duas jornadas para o descobrimento das riquezas (DEUVALX, 2009).

Além das formas do relevo, Marcgraf enfatiza a presença de inúmeros cursos fluviais, em destaque, afluentes de alguns dos principais rios sergipanos, como o ‘R. Salobre’, ‘R. de Pinheiro’, ‘Ipoxiçauçu’, ‘R. de Iataboca’, ‘Jacareaçica’ e o ‘R. das Pedras’ (ver figura 4); sendo que os três últimos mantêm as respectivas denominações – o Jacarecica se configurando no principal curso fluvial abastecedor do município de Itabaiana.

Figura 4 – Localização do Rio das Pedras no registro de Marcgraf (1647)



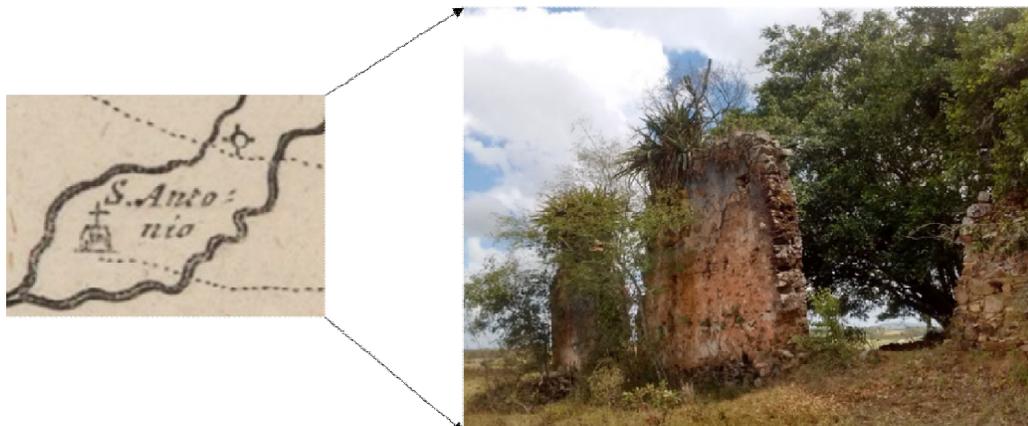
Fonte: Bibliothèque Nationale de France, 2017

O traçado dos cursos fluviais foi desenhado a partir de linhas largas e compridas, revelando rios volumosos, aparentemente navegáveis; contudo, nos dias atuais, o Agreste Central Sergipano não apresenta cursos permanentes capazes de serem navegados por embarcações de grande porte, o que faz com que as seguintes indagações sejam elaboradas: teria Marcgraf distorcido as linhas para atrair os colonizadores holandeses? Como baseou-se para desenhá-las? Ou realmente os rios poderiam ser navegados? As hipóteses enumeram-se, principalmente quando se percebe a importância da água para a efetiva ocupação humana. Em relação à Itapvãma, a água possibilitaria a sobrevivência dos colonizadores em um território circundado por serras, povoações poderiam ser desenvolvidas, e, além disso, existia o imaginário em torno da existência de metais e pedras preciosas nos cursos fluviais, como, por exemplo, no Rio das Pedras, que nos dias atuais mantém essa denominação.

3.2. RASTROS DA COLONIZAÇÃO

Sabe-se que quando da invasão holandesa, a colonização lusitana já se encontrava em curso; a cana-de-açúcar rendia lucros para a Metrópole portuguesa, engenhos sobressaíam na paisagem nordestina, o gado contribuía para o povoamento do chamado ‘interior’, aldeias autóctones desapareciam e, além disso, uma dinâmica comercial iniciava seu processo de constituição, com a formação de cidades, vilas e arraiais. De acordo com Menezes (2016), as primeiras notícias sobre o hinterland sergipano datam do século XVII, a partir da doação das primeiras sesmarias (MENEZES, 2016). Após a vitória das tropas lusitanas sobre os povos autóctones, as terras foram doadas aos interessados em ‘lavar suas rosas (roças) e suas criações (criações)’ (FREIRE, 2013; RIBEIRO; SANTOS, 2015), com a edificação de currais e capelas. Nessa discussão, Marcgraf (1647) aponta em seu registro para a existência de três currais de gado, uma capela sob invocação de Santo Antônio (ver figura 5) e três casas; formas espaciais que representam rastros de um possível processo inicial de ocupação do território sergipano.

Figura 5 – Esquema com a possível localização da Capela de Santo Antônio, atualmente em ruína



Fonte: Bibliothèque Nationale de France, 2017

A construção da capela data, aproximadamente, das décadas de 10 e 20 do século XVII, com a hipótese de terem sido edificadas por nativos e etnias africanas escravizados, pois as terras pertenciam aos padres jesuítas. As paredes espessas, erguidas a partir de rochas advindas da Serra de Itabaiana, não tardando para que se formasse ao redor da estrutura uma povoação de nome “Povoação do Santo Antônio Velho”. Segundo Menezes (2016), nas proximidades da capela existia uma estrada colonial, que ligava Salvador à Recife; o que pode estar associada à possível importância da localidade para Sergipe;

contudo, com a invasão da sede da Capitania, São Cristóvão, pelos curraleiros, o Padre Sebastião Pedroso de Góis comprou terras referentes à conhecida Caatinga de Aires da Rocha, construindo-se uma nova capela e esvaziando a Povoação de Santo Antônio. A estrutura começou a entrar em declínio por volta do século XVIII; todavia, sem perder seu valor simbólico; com a existência atual de iniciativas para a preservação do local por parte do poder público; bem como, um processo de tombamento em andamento e um projeto de se construir um centro cultural para educação patrimonial (MENEZES, 2016).

Em relação aos currais de gado, são contabilizadas seis estruturas no registro de Marcgraf (1647), que, de acordo com a historiografia sergipana, simbolizam marcos de uma cultura pecuarista, responsável pela penetração do colonizador no ‘interior’ desconhecido e que reforça a tese de que o sergipano foi primeiro pastor, antes de ser agricultor (FREIRE, 2013). O gado transportava mercadorias, pessoas e também se destinava para a alimentação humana; bem como, contribuía para a abertura dos primeiros ‘caminhos’, destacados no mapa através das linhas pontilhadas que se entrecruzam no território da Itapvãma, possivelmente, percorridas por carros de boi, meio de transporte recorrente durante o Brasil Colônia.

Figura 6 – Carro de boi ao lado de uma casa de produção de farinha de mandioca, Povoado Gameleira, Campo do Brito. SE



Fonte: Ribeiro, 2015

Para os holandeses, mapear currais e caminhos era uma possibilidade de se alcançar mais facilmente os interesses que tinham: chegar à próspera Capitania da Bahia de Todos

os Santos, tendo Sergipe como entreposto estratégico – mais do que destruir, haviam as necessidades de capturar, controlar e expandir. Desse modo, a cartografia emerge, mais uma vez, enquanto importante instrumento para a concretização do empreendimento colonial, fomentando interesses dominantes e possibilitando a relação Centro/Periferia na constituição da economia-mundo capitalista (BRAUDEL, 1996).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os elementos analisados, percebe-se a importância que o mapa “Praefectura de Ciríif vel Seregipe del Rey cum Itâpuama” e a Cartografia Histórica como um todo possuem para o desvelar das ‘ideologias geográficas’ presentes no processo de formação territorial do interior sergipano; o hinterland. Um conceito que nos leva à discussão sobre a questão do sujeito na produção do espaço, ou seja, o fato de que as formas espaciais são produtos históricos, frutos da ação teleológica de seres sociais, que individualmente, possuem interesses, visões de mundo e modos de vida. Argumento que se aplica ao objeto de análise do presente artigo, pois o mapa, ao mesmo tempo que registra as formas produzidas a partir de uma lógica mercantilista de apropriação constante de terras na relação Centro-Periferia, também se faz em um resultado do desse processo.

A Itapvâma ou Itapuâma, que atualmente encontra-se fragmentada em inúmeros pequenos municípios, não aparece ao acaso no registro de Marcgraf (1647) – almejava-se ouro, prata, terras férteis, gado -, da mesma forma, que o mapa não se encontra presentes em distintos locais de pesquisa pelo indiscutível valor histórico e patrimonial que possui para Sergipe, mas também, por ser ele próprio, produto de uma empresa colonial, instrumento para que a Companhia das Índias Ocidentais obtivesse êxito em sua acumulação de capital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo**: séculos XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CARVALHO, Fernando Lins de. **A pré-história sergipana**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2009. 159p.

CASCUDO, Luiz da Câmara. Geografia de Sergipe no domínio holandês. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, n. 16, pp. 1-6, 1942.

DEUVALX, Marcelo Motta. **As Minas Imaginárias**: o maravilhoso geográfico nas representações sobre o sertão na América Portuguesa – séculos XVI a XIX. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2009. 258p.

_____. Fontes de mitos. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, nº 103. p. 60-63. 2014.

FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe (1575-1855)**. 3 ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013.

IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1959.

MARCGRAF, Georg. **Praefectura de Cirijsi vel Seregipe del Rey cum Itapuama**. Amsterdam, Tipografia Blaeu, 1662. 54 x 63 cm. 1 mapa.

MELLO, Evaldo Cabral de. **O Brasil Holandês (1630-1654)**. São Paulo: Penguin Classics, 2010. p. 29-52.

MENEZES, Wanderlei. **Visita às Ruínas da Igreja Velha, Itabaiana. SE**. Entrevista concedida aos discentes da disciplina Tópicos Especiais em Geografia I, ministrada pela Professora Fabrícia de Oliveira Santos, out. 2016.

MORAES, Antônio Carlos Robert. A construção do território no Brasil: um esboço. In: MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia Histórica do Brasil**: capitalismo, território e periferia. São Paulo: Annablume, 2011. p. 109-133.

_____. **Ideologias geográficas**: espaço, cultura e política no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1991. p. 15-153.

_____. **Território e História no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005. 154p.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Colonial I**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira. 2 ed., 2006. 350 p.

OLIVEIRA, Tiago Kramer. Descontruindo mapas, revelando espacializações: reflexões sobre o uso da cartografia em estudos sobre o Brasil colonial. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 34, nº 68, p. 152, 2014.

PEREIRA, Sérgio Nunes. Pensar as práticas geográficas: lugares, caminhos e efetuações. **Mesa redonda**. In: IV Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico e II Encontro Nacional de Geografia Histórica. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 05 a 09 de dezembro de 2016.

RIBEIRO, Bruno Andrade. Discursos geográficos e formas espaciais sobre a formação territorial de 'Itapvâma' em registros cartográficos coloniais e imperiais. **Caderno de Resumos**. In: IV Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico e II Encontro Nacional de Geografia Histórica, 05 a 09 de dezembro de 2016, Belo Horizonte, Minas Gerais, volume único, 2016, p. 30.

RIBEIRO, Bruno Andrade; SANTOS, Fabrícia de Oliveira. Leituras sobre o ‘mais vasto districto da Capitania de Sergipe’: exercício pedagógico sobre a formação territorial de Itabaiana. SE. **Anais do I EnLic**. In: I Encontro de Licenciaturas da UFS, 09 a 11 de novembro de 2015. Itabaiana: Universidade Federal de Sergipe, 2015.

SERGIPE, Tribunal de Justiça. **Catálogo da documentação cartorária dos séculos XVII e XVIII da Comarca de São Cristóvão (1655/1800)**. SILVA, Eugênia Andrade Vieira da (coord.); FREITAS, Bárbara Sheila Gonçalves (col.). Aracaju: Arquivo Judiciário, 2000. 170p.

_____. **Guia de fontes temáticas**. Eugênia Andrade Vieira da Silva (org.). Aracaju: Arquivo Judiciário, 1996. 82p.

WYNNE, J. Pires. **História de Sergipe 1575-1930**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1970. 461p.